O ESTADO DE S.PAULO

Publicado em 17/08/2023 - 06:00

País ganha, em média, 17 novos templos evangélicos por dia

Por dia 17 templos evangélicos são abertos; pentecostais predominam

Em 2019, total era de 109,5 mil, de diversas denominações, ante cerca de 20 mil em 2015, conforme estudo que usa registros de CNPJ; catolicismo enfraquecido é uma das causas

JOSÉ MARIA TOMAZELA

O técnico de refrigeração Alcione Cavalcante, de 46 anos, é um dos obreiros e professores da escola bíblica da igreja evangélica Assembleia de Deus Ministério do Sopro Divino, em Mauá, Grande São Paulo. "Onde moro é periferia, a gente tem acesso às regiões mais humildes e conversa muito sobre a realidade dessas pessoas", diz. "Elas vêm para a igreja, compartilham dificuldades e não só são ouvidas, como as pessoas da igreja se identificam com os problemas delas e ajudam", afirma ele, que se converteu quando era jovem. A Assembleia de Deus é a que mais cresceu entre as evangélicas, abrindo 9.348 templos de 2010 a 2019, alta de 115%.

Os dados são do estudo do cientista político Victor Araújo, pesquisador associado ao Centro de Estudos da Metrópole (CEM), ligado à Fapesp. Só em 2019 foram abertas 6.356 igrejas evangélicas no Brasil, média de 17 templos por dia. O Espírito Santo é o Estado mais evangélico, com 93 templos por 100 mil habitantes. Já o Nordeste tem a menor adesão a essa tendência.

BALANÇO. O estudo registrou a existência, no País, de 109,5 mil igrejas evangélicas de diversas denominações, ante cerca de 20 mil em 2015. O predomínio é das pentecostais (48.781 templos). Entre os motivos para esse boom está o enfraquecimento do catolicismo, que perdeu alcance com a formação das periferias urbanas após o êxodo rural. "Eram populações católicas, mas as paróquias não estavam nesses locais, e eles foram rapidamente ocupados pelas evangélicas, que têm estruturas menos engessadas, às quais a cultura das periferias se adaptou melhor", diz Araújo. O Vaticano também não abriu espaço para o protagonismo das mulheres em postos de liderança, movimento feito pelas evangélicas.

A Lei 10.825/2003 tornou livre a criação, a organização e o funcionamento das organizações religiosas, possibilitando que as evangélicas pudessem abrir mais templos com novas denominações. "A lei deu grande impulso a um processo que já havia começado na década de 1960", afirma o pesquisador.

AVANÇO. A consolidação do protestantismo no Brasil, a partir da primeira igreja evangélica registrada, em 1922, foi lenta. Em 1960, havia oficialmente só 18 igrejas evangélicas missionárias no Brasil. Daquele ano até 1980, o total aumentou mais de 170 vezes, atingindo a marca de 3.087.

A linguagem acessível também é vista como vantagem, segundo a pastora Romi Bencke, secretária-geral do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (Conic). "Essas igrejas têm linguagem mais simples e fácil de entender, até porque geralmente a pessoa que abre (*a igreja*) já faz parte do bairro. Por ter identificação forte com o lugar, a liderança é legitimada pela comunidade", diz.

Dissidências

O boom no segmento também está ligado a divergências no interior desses grupos

A dona de casa Alexya Veríssimo, de 23 anos, diz que sua igreja a acolheu quando mais precisava. "Hoje, Deus é tudo para nós." Ela é mãe de duas meninas, de 2 e 3 anos, e vai à Igreja Pentecostal Deus É Eterno às quintas-feiras e domingos no bairro onde mora em Sorocaba, interior de São Paulo. "Muita gente vai, é uma referência no bairro", conta.

É comum, segundo o obreiro Alcione Cavalcante, a busca de ajuda na igreja por dependentes químicos ou pelos parentes deles. "Estamos próximos dessas pessoas. Elas ouvem a mensagem, se convertem e passamos a apoiá-las o tempo todo junto aos familiares", diz. "Se é o caso, a igreja encaminha a uma clínica terapêutica, mas muitas vezes é resolvido ali mesmo na comunidade, de forma prática. Não ficamos esperando ajuda do governo", afirma. Cavalcante vai à igreja nos fins de semana, com a mulher e a caçula, de 21 anos. Ainda tenta convencer os filhos mais velhos a frequentar os cultos.

DIVISÃO. Para o estudo, as igrejas evangélicas foram divididas em quatro grupos: missionárias, pentecostais, neopentecostais e de classificação não determinada. Araújo usa como fonte de dados o Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ) de que, como qualquer empresa, as igrejas precisam para operar.

"Ainda que os dados sejam subestimados, pois muitos estabelecimentos religiosos operam sem CNPJ, essa base é importante porque permite acompanhar a abertura dos estabelecimentos desde os anos 20 do século passado", diz o pesquisador. Um método computacional permitiu detectar e analisar a razão social de mais de 150 mil templos evangélicos inscritos na Receita Federal.

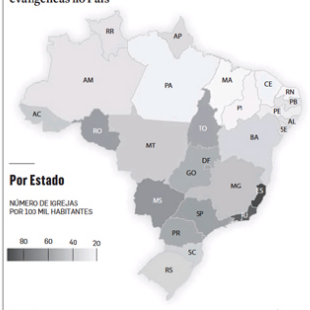
"CONGREGAÇÕES IRMÃS". O boom no segmento também está ligado a divergências no interior das evangélicas, que resultam na abertura de "congregações irmãs". "O meio evangélico tem essa característica de a igreja não precisar de estrutura nacional, de não seguir uma diretriz como a Católica, que segue os preceitos do Vaticano", diz Romi.

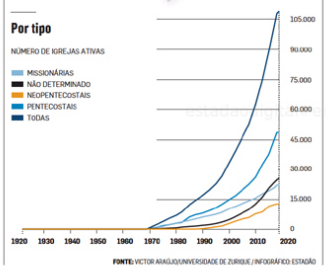
Há muitos casos, segundo ela, em que um desentendimento entre pastores de uma igreja leva um deles a se desligar e criar sua própria comunidade. Essa facilidade também tem um lado negativo: possibilita a abertura de igrejas de fachada. "Sou cautelosa em falar sobre isso, porque existem igrejas muito sérias, mas não se pode ignorar que existem as que não prestam contas e se convertem em uma possível fachada para lavar dinheiro."

UNIVERSAL. O estudo aponta que, apesar do protagonismo midiático da Igreja Universal do Reino de Deus, liderada por Edir Macedo, os neopentecostais, surgidos no fim da década de 1970, não tiveram crescimento suficiente para ultrapassar numericamente as igrejas pentecostais e missionárias, nem aquelas de classificação não determinada. ●

DADOS

Pesquisa mapeou expansão das igrejas evangélicas no País





FONTE: VICTOR ARAÚJO/UNIVERSIDADE DE ZURIQUE / INFOGRÁFICO: ESTADÃO

Pesquisador destaca avanço carismático entre católicos

Para o sociólogo Edin Sued Abumanssur, professor de Sociologia da Religião da PUC de São Paulo, alguns segmentos católicos no Brasil se movimentam há algum tempo para também angariar mais seguidores. "Quem perde fiéis é a Igreja Católica mais ortodoxa, que segue de perto as diretrizes do Vaticano. Já o segmento carismático católico está crescendo. É um segmento que tem padres cantores e um jeito de pensar a religião muito parecido com o dos evangélicos pentecostais."

Para o especialista, embora várias projeções apontem grande crescimento das evangélicas nos últimos dez anos, é preciso aguardar os números do Censo de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre as religiões, que só deve sair em 2024. "Se os dados mostrarem que a taxa de crescimento entre 2010 e 2020 se manteve, podemos prever que, em 2030, a população evangélica estará muito equilibrada à católica, se não for maior. Minha impressão, porém, é a de que o crescimento, nesta década, foi menor." ●

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Metrópole **Caderno:** A **Pagina:** 16

Copyright © Clipclap 2025.